

O USO DE *BLOGS* NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA*

Rejane Maria Gonçalves**

*A blog is a personal diary.
A daily pulpit.
A collaborative space.
A political soapbox.
A breaking-news outlet.
A collection of links.
Your own private thoughts.
Memos to the world.*

Autor desconhecido

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar e discutir a utilização de computador e internet no contexto educacional, com ênfase no uso de *blogs* no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa. Para isso, propomos as seguintes perguntas de pesquisa: 1) De que maneira os *blogs* podem ser usados nas aulas de língua inglesa?; 2) Quais as possíveis contribuições de sua utilização para o processo de ensino e aprendizagem desta língua? Para tentar responder às perguntas, adotamos a metodologia de pesquisa bibliográfica, com base nos estudos de Caiado (2007), Paiva (2004, 2008), Vygostky (1998), Warschauer e Healey (1998), entre outros. Após breve viagem através dos estudos dos referidos autores, percebemos o *blog* como recurso recente das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, cuja utilização pode favorecer o desenvolvimento da motivação e da autonomia dos estudantes ao lhes propiciar ambientes reais e materiais autênticos para sua aprendizagem de língua inglesa.

Palavras-chave: tecnologia; *blog*; língua inglesa.

Abstract: This paper aims to present and to discuss the use of computer and internet in the educational context, focusing on the blogs use in the teaching and learning process of English language. For that, we proposed the following research questions: 1) How can the blogs be used in the English language classes?; 2) What are the possible contributions of their use for the teaching and learning process of this language? Trying to answer to the questions, we adopted the methodology of bibliographical research, based on the studies of Caiado (2007), Paiva (2004, 2008), Vygostky (1998), Warschauer and Healey (1998), among others. After a brief trip through the referred authors' studies, we noticed the blog as a recent resource of the New Technologies of Information and Communication, and its use can benefit the development of the students' motivation and autonomy when propitiating them real atmospheres and authentic materials for their English language learning.

Keywords: technology; *blog*; English language.

Introdução

* Este artigo é parte do resultado de nosso trabalho de mestrado realizado em 2009.

** Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás e professora assistente de língua inglesa na Universidade Federal do Tocantins.

Por muitas décadas, o ensino de língua estrangeira (doravante LE) nas instituições de ensino foi considerado como tendo um papel secundário na formação discente, senão terciário (LOPES, 2002). Vista apenas como instrumento para leitura de clássicos como Shakespeare, por exemplo, não se despendia atenção necessária à forma como essa língua era ministrada.

A partir dos anos 90, a globalização se expande e é responsável por atribuir à LE a importância devida frente à necessidade de comunicação entre países para fins político-econômicos e, conseqüentemente, sócio-culturais (VESENTINI, 1996). Busca-se então, uma abordagem de ensino que visasse a uma aprendizagem efetiva de uma língua para fins de comunicação real.

Concomitantemente, as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação surgem e são responsáveis por criar novas formas de convivência e interação entre as pessoas. O computador, aliado à internet, ganha espaço nas empresas, nas instituições de ensino e em nossas casas. Usados até então para fins econômicos, principalmente, o computador e a internet alcançam nossos alunos e os inserem no novo meio virtual, onde tempo e espaço são reduzidos a segundos e centímetros, respectivamente.

Neste artigo, apresentamos um breve histórico dos recursos tecnológicos, perpassando o papiro, do século I a.C., até chegar ao contemporâneo computador aliado à internet. Em seguida, propomos uma cronologia do uso do computador como mediador do processo de ensino e aprendizagem de LE e, por último, o surgimento do *blog* e o uso deste como instrumento didático-pedagógico nesse processo.

1. Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação

Por Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) compreendemos todos os recentes inventos humanos cujos objetivos principais são os de possibilitar a comunicação entre as pessoas e facilitar o acesso às informações diversas. De acordo com Pennington (1996), Crystal (2001) e Paiva (2008), elas são as responsáveis por criar novas formas de convivência e interação entre as pessoas inserindo-as em um novo ambiente social.

A seguir, apresentamos um breve histórico das TIC.

1.1. Breve histórico

Depois do fogo, na Pré-história, a escrita foi, sem dúvida, um dos principais avanços tecnológicos já tidos até hoje. Acreditamos que, sem ela, nada do que temos hoje seria possível. De acordo com estudos de Paiva (2008), os primeiros registros ocorreram em folhas de papiro, dispostas em rolos chamados *volumen*. Para ler seus escritos, era preciso que a pessoa segurasse o *volumen* com as duas mãos e fosse desenrolando o manuscrito à medida que a leitura avançava. Foi com Júlio Cesar, imperador de Roma, no último século a.C., que o rolo cedeu espaço às folhas de papiro dobradas surgindo, assim, o *códex*, cujo formato é parecido com o que temos hoje dos livros tradicionais.

A criação da imprensa por Gutemberg em 1442 pode ser considerada como a principal invenção tecnológica humana. Apesar de toda a resistência da época, principalmente por causa dos custos elevados e da censura imposta pela Igreja Católica e pelo governo político, o livro impresso foi ganhando espaço e confiança, popularizando-se no século XX. No ensino de LE, os primeiros livros foram utilizados pelos professores durante a Idade Média.

Após o surgimento da imprensa, foi a vez da reprodução de som e vídeo. A invenção do gramofone por Thomas Edson, em 1878, possibilitou a inserção de mais essa tecnologia no ensino e aprendizagem de LE, permitindo o seu uso como material didático, ao oferecer amostras das falas de nativos, principalmente para o desenvolvimento da oralidade (GONÇALVES, 2008). O gravador de fita magnética, na década de 40, permitiu aos alunos gravar suas falas e analisar seu desempenho em seguida. A criação de laboratórios com gravadores não teve muito sucesso devido não só a “rigidez das instalações, mas também aos princípios lingüísticos e de aprendizagem” das instituições educacionais da época (PAIVA, 2008, p. 6).

O rádio, outra inovação tecnológica, também tem sua marca registrada no ensino e aprendizagem de LE. De acordo com pesquisas realizadas por Paiva (2008), a BBC¹ de Londres utilizava esse recurso tecnológico para ministrar aulas de inglês à distância, com destaque para as décadas de 40 a 60. Segundo a autora, a China ainda oferece cursos de idiomas via rádio e televisão, com a supervisão de várias universidades do país.

O aparelho de TV, inventado por John Baird em 1926, só chegou ao Brasil em 1950 e por um custo muito alto. O seu uso se popularizou com o passar dos anos, chegando à maioria dos lares brasileiros. Nas instituições de ensino, mais precisamente a sala de aula de LE, a

¹ British Broadcasting Corporation.

televisão e o vídeo cassete passaram a ser utilizados para reproduzir vídeos e, assim, junto ao livro didático, facilitarem a aprendizagem de LE pelo aluno.

No ano de 1938, na Alemanha, foi a vez do computador, em um formato bem distinto do que temos hoje. Alguns anos depois, precisamente em 1946, outro aparelho que ocupava o espaço de quase uma sala inteira foi criado para atender às necessidades governamentais dos Estados Unidos (GARCIA, 2004). Por causa da Guerra Fria, o país criou a ARPANET, rede que conectava computadores e permitia a transmissão de informações importantes entre eles (TEELER; GRAY, 2000). Com o passar dos anos, essa máquina diminuiu de tamanho e chegou à Universidade de Illinois, primeira instituição educacional a receber essa tecnologia, difundindo-se, depois, pelos outros continentes. No Brasil, o computador chegou na década de 1980 e popularizou-se, ganhando espaço nas escolas nos anos seguintes como ferramenta pedagógica (PAIVA, 2008).

Uma das mais recentes invenções e não menos importante no cenário mundial é a internet, também conhecida como *net*. A internet, evolução da ARPANET, caracteriza-se por ser uma rede mundial de computadores interligados capazes de transmitir informações em tempo real e também de armazená-las para serem acessadas posteriormente, conforme a necessidade das pessoas.

Muitas pessoas usam os termos internet e *World Wide Web* (grande teia mundial, em português) como sinônimos. Todavia, de acordo com Viter (2005), são coisas distintas, embora relacionadas. A internet é uma gigantesca infraestrutura em rede que conecta milhões de computadores por todo o globo, permitindo-lhes a comunicação por meio de *e-mail*, *Newsgroups*, mensagem instantânea e *File Transfer Protocol*, ou simplesmente, FTP, protocolo que permite a execução de *downloads* e *uploads* na internet. Já a *World Wide Web* (*Web*) é uma das maneiras de acesso às informações por meio da internet. Ela usa o protocolo HTTP² (uma das linguagens usadas na internet) para transmitir informações por meio de gráficos, sons, textos e vídeos e, para isso, serve-se de *browsers*, como o *Internet Explorer*, *Firefox* ou *Netscape*, para acessar documentos chamados páginas (*homepages*) ligados uns aos outros por meio de *hiperlinks*. Dessa forma, a *web* é parte da internet.

Apesar de ter chegado ao Brasil em 1994, o seu uso pela população era ainda bem tímido. Só em 1997, a internet ganhou o formato que conhecemos hoje. De acordo com Paiva

² Hyper Text Transfer Protocol - Protocolo de Transferência de Hipertexto.

(2008, p. 9), “pela primeira vez, temos uma tecnologia que permite experiências linguísticas não artificiais e a língua pode ser entendida como comunicação”.

Segundo Paiva (2008), essa nova tecnologia é caracterizada por duas fases: *Web 1* e *Web 2*. A primeira refere-se ao período em que o internauta, assim chamado o usuário de internet, apenas consumia as informações disponibilizadas na rede. Por outro lado, a segunda fase é a atual que vivenciamos e a que nos permite não só consumir, mas também produzir conteúdos diversos e divulgá-los nesse espaço virtual. Das várias ferramentas características da *Web 2*, podemos citar as seguintes, com base nos estudos de Teeler e Gray (2000), Crystal (2001), Garcia (2004), Souza (2006) e Paiva (2008):

- a) *e-mail* = correio eletrônico que permite receber e enviar, com rapidez, mensagens e arquivos de texto, imagem e som;
- b) lista de discussão (*mailing lists*) = permite a troca automática de mensagens por *e-mail* sobre determinado assunto a todos aqueles inscritos numa lista;
- c) fórum de discussão (*newsgroups*) = rede mundial aberta à discussão em grupos sobre assuntos diversos. Não possui um supervisor ou moderador específico que controla o que discutir. Assim, qualquer um que tiver interesse pode postar um assunto para ser discutido;
- d) rede social = também conhecida como *site* de relacionamentos, permite o armazenamento de fotos, vídeos, envio e recebimento de *scraps* (mensagens de texto, imagem e som);
- e) *youtube* = *site* que armazena e disponibiliza vídeos diversos;
- f) *mensageiro instantâneo* = tipo de programa que permite a comunicação por meio de texto, vídeo e/ou som em tempo instantâneo, ou seja, real;
- g) *fotolog* = *site* que permite o armazenamento e o compartilhamento de fotos;
- h) *blog* = também chamado de página pessoal, refere-se a um diário eletrônico que permite a postagem de textos, imagens, vídeos, som, além de possibilitar a inserção de comentários. Esse recurso será melhor apresentado posteriormente.

No item a seguir, discutimos com mais detalhes o papel do computador no processo de ensino e aprendizagem de LE.

1.2. O computador no processo de ensino e aprendizagem de LE

De acordo com Marchuschi (2005, p. 19), o impacto do computador e da internet “é menor como revolução tecnológica do que como revolução dos modos sociais de interagir linguisticamente”. Ou seja, a emergência dessas novas tecnologias traçou novos rumos para a sociedade, alterando não só a comunicação entre as pessoas, mas também as suas práticas sociais.

A chegada do computador e da internet nas instituições de ensino é algo inevitável e irreversível. A tentativa de abolir o seu uso é considerada uma prática inadequada e ineficaz, dada a dimensão já alcançada por essas tecnologias em todos os espaços ocupados pelo ser humano (MORAES; LUZ, 2002; SOUZA, 2006).

A seguir, apresentamos uma breve cronologia do computador utilizado como ferramenta mediadora no processo de ensino e aprendizagem de LE.

1.2.1. Uma breve viagem pelo tempo

A comunicação mediada pelo computador (CMC), bem como a aprendizagem de línguas mediada por computador (CALL – *Computer-assisted language learning*) têm ganhado força nos últimos anos. Vários são os linguistas dedicados à pesquisa sobre o assunto, a saber Warschauer e Healey (1998), Moraes (2003), Garcia (2004), Paiva (2004), Souza (2005), entre outros.

Segundo Pennington (1996), o CALL oferece novos subsídios aos docentes para que estes possam promover um melhor processo de ensino e aprendizagem de LE aos seus alunos. Isso é possível graças à sua força em “introduzir novos tipos de input, de uma perspectiva tanto quantitativa quanto qualitativa”³ (PENNINGTON, 1996, p. 1).

O uso do computador no ensino de LE não é, todavia, muito recente. Ele tem sua presença registrada em todas as abordagens de ensino de LE por nós conhecidas. Na abordagem behaviorista (anos 50), “acreditava-se que o processo de aprendizagem era fruto

³ Nossa tradução de: “to introduce new types of input, from both a quantitative and a qualitative perspective”. (PENNINGTON, 1996, p.1)

de memorizações provenientes de repetições de ações realizadas pelos estudantes” (BARROS; CAVALCANTE, 2000, p. 23). No CALL behaviorista, o papel do computador era o de um tutor mecânico que nunca ficava cansado e sempre permitia aos alunos trabalhar sozinhos, fornecendo-lhes exercícios de repetição sequenciados e verificando a eficiência das suas respostas (WARSCHAUER; HEALEY, 1998).

Com base no construtivismo-interacionista de Piaget (final da década de 50), acreditava-se que, por meio do CALL comunicativo no ensino e aprendizagem de LE, a “aprendizagem acontecia por etapas que estavam diretamente ligadas ao desenvolvimento mental de cada estudante [...], sem levar em conta o contexto histórico social” (BARROS; CAVALCANTE, 2000, p. 25). De acordo com essa abordagem, o computador acompanha o desempenho de cada aluno de forma individual, e deixa-o livre para seguir seu ritmo de aprendizagem. As atividades deveriam focar “o uso das formas mais do que as formas em si” (WARSCHAUER; HEALEY, 1998). Ainda, para esses autores, a aprendizagem de LE era entendida como “um processo de descoberta, expressão e desenvolvimento” (p. 57), cujas atividades baseavam-se na reconstrução de textos e simulações. O foco não era tanto no que os alunos faziam com a máquina, mas sim no que cada um poderia fazer enquanto utilizava o computador (WARSCHAUER; HEALEY, 1998).

Por sua vez, a teoria construtivista socio-interacionista (a partir da década de 80), baseada nos estudos de Vygotsky, defendia que “todo o processo de aprendizagem estava diretamente relacionado à interação do indivíduo com o meio externo” (BARROS; CAVALCANTE, 2000, p. 27). Devido à influência desse construto teórico na nova abordagem conhecida como CALL integrativo, o computador passa a ser visto como instrumento mediador entre o aprendiz e o conhecimento no ensino e aprendizagem de LE. O papel do professor não é mais o de fonte de sabedoria e conhecimento, mas o de encorajar os alunos a serem participantes ativos responsáveis pelo seu próprio processo de aprendizagem, facilitando esta, e oferecendo aos alunos uma variedade de meios que podem utilizar para aprender (WARSCHAUER; HEALEY, 1998).

Apresentamos, a seguir, um quadro⁴ proposto por Barros e Cavalcante (2000) que mostra as três principais teorias de aprendizagem de LE, algumas variáveis fundamentais, bem como os possíveis recursos computacionais a serem utilizados dentro de cada uma.

Quadro 1: Teorias pedagógicas, relações de ensino e aprendizagem e recursos computacionais (BARROS E CAVALCANTE, 2000, p. 29)			
	Behaviorista	Construtivista-interacionalista	Construtivista-sócio-interacionista
Relação aluno-professor	O aluno é conduzido pelo professor que determina a velocidade e a forma de construção do conhecimento	O professor deve estimular o aluno a construir seu conhecimento de forma autônoma, a partir de suas descobertas individuais	O professor é um mediador do processo de construção do conhecimento que se dá através de interações sociais
Relação aluno-aluno	Desconsiderada	Desconsiderada	O aluno é parte de um contexto social e deve ter iniciativa para questionar, descobrir e compreender o mundo a partir de interações com os demais
Relação aluno- objeto do conhecimento a ser aprendido	O conhecimento é disponibilizado de forma sequencial para o aluno	O aluno constrói seu conhecimento a partir de suas próprias percepções, oriundas das interações com o objeto	O aluno é capaz de interagir com os objetos (amplificadores culturais), e modificá-los, construindo assim seu conhecimento
Recursos computacionais	O computador é utilizado como meio de disponibilizar informações de maneira sequencial	O computador possibilita o acompanhamento individual dos estudantes	O computador passa a ser encarado também como meio de comunicação e interação entre aprendizes e orientadores

Segundo Warschauer e Healey (1998, p. 58), “se o *mainframe* foi a tecnologia do CALL behaviorista e o computador pessoal foi a tecnologia do CALL comunicativo, o computador em rede com recursos multimídia é a tecnologia do CALL integrativo”⁵. Assim,

⁴ Esse quadro complementa o que foi apresentado anteriormente. A nossa opção por apresentá-lo aqui é para que pudéssemos ter uma visão de todas as abordagens de ensino e aprendizagem de LE juntamente com possíveis recursos computacionais que podem ser usados em cada uma.

⁵ Nossa tradução de: “If the mainframe was the technology of behaviouristic CALL, and the PC the technology of communicative CALL, the multimedia networked computer is the technology of integrative CALL”. (WARSCHAUER; HEALEY, 1998, p. 58)

para os autores, o computador perpassa as três abordagens de ensino de LE, oferecendo a sua contribuição de forma diversificada, conforme vimos no quadro.

Ao considerar que o aluno aprende quando encontra significado naquilo que lhe é ensinado e busca novos conhecimentos quando a instituição educacional lhe dá subsídios para construir a própria autonomia, é preciso que o professor assuma a postura de dar ao educando significado àquilo que pretende ensinar, é preciso que o docente ofereça a ele atividades interessantes e desafiadoras que partam de sua experiência cotidiana ou que lhe possibilitem fazer relações com o seu dia a dia. Essas atividades devem favorecer momentos de trabalho individual e coletivo, para que o aluno possa construir conhecimento, apropriar-se dele e tornar-se um indivíduo autônomo, capaz de aprender sempre.

A seguir, discutimos a relação professor-TIC.

1.3. O professor na era tecnológica

O advento das inovações tecnológicas sempre trouxe consigo o medo de extinguir a figura do professor no cenário da educação (WARSCHAUER; HEALEY, 1998). Um olhar para o passado, precisamente no ano de 1578, nos remete a primeira gramática do hebraico criada pelo Cardeal Bellarmine, tão rejeitada pela sociedade da época por possibilitar o aluno estudar sem o auxílio de um professor (PAIVA, 2008). Passando por todas as invenções descritas no item 2.1 até chegarmos ao século XX, com a criação do computador, percebemos que o medo de serem substituídos pelos aparatos tecnológicos sempre gerou em alguns professores um sentimento de aversão.

Nos dias atuais, há talvez quem ainda acredite ser o computador uma caixa de Pandora⁶. Mas, se assim víssemos o computador, deveríamos considerar então todas as criações humanas como “caixas de Pandora”, já que todas elas podem nos fazer mal quando não usadas corretamente.

De acordo com Corrêa (2002, p. 45), há dois tipos de comportamentos em relação ao computador:

⁶ Gariglio (2001, p. 115) nos narra que, segundo o mito, “todos os males que poderiam existir no mundo estavam encerrados em uma belíssima caixa e Pandora, fascinada com sua beleza, imaginou estarem ali contidas as mais belas jóias e imenso tesouro. Ao abri-la, no entanto, Pandora deixou espalharem-se pelo mundo [quase] todos os males”.

A visão tecnofóbica, de total aversão ao uso das tecnologias de Comunicação e Informação, considerando que a máquina irá substituir o homem ou promoverá o distanciamento, a perda das relações afetivas; e a posição tecnofílica, de total endeuamento da máquina como possibilidade de resolver todos os problemas educacionais.

A mesma autora ainda acrescenta que “[i]nfelizmente, não é a máquina que oprime o homem, mas o homem que usa a máquina para oprimir o homem, ou seja, o bem ou o mal depende do uso que faremos dela” (CORRÊA, 2002, p. 45). Odiar e rejeitar o uso das tecnologias no ambiente educacional por achar que elas podem extinguir o papel docente ou idolatrá-las por achar que elas são a solução para o processo de ensino e aprendizagem não são posturas adequadas. É preciso entender que as invenções humanas, com ênfase para o computador e a internet, não são uma Caixa de Pandora (CARIGLIO, 2001) nem mesmo um “tsunami digital”⁷ (ARAÚJO, 2007). São, na verdade, excelentes ideias desenvolvidas para oferecer conforto ao homem. Todavia, elas só se tornarão ruins se o propósito e a forma para utilizá-las também forem ruins.

Para Souza (2006), quem constrói, quem faz a comunicação e a educação não são as tecnologias em si, mas, sim, o ser humano. Assim sendo, o computador, ou quaisquer que sejam os recursos tecnológicos existentes e utilizados no ambiente educacional, jamais substituirão o professor, como temem algumas pessoas (HOFFMAN, 1996). Nas palavras de Leffa,

O computador não substitui nem o professor nem o livro. Tem características próprias, com grande potencialidade e muitas limitações, que o professor precisa conhecer e dominar para usá-lo de modo adequado, como um componente da complexa atividade de ensinar e aprender uma língua. (2006, p. 13)

Cabe ao professor, portanto, conhecer e dominar os recursos tecnológicos que têm surgido e utilizá-los como um recurso a mais, disponível para ser usado pedagogicamente conforme os objetivos estabelecidos tão-somente pelo professor para as suas aulas. De acordo com Rodrigues (1999, p. 122), é preciso entender que “os computadores são uma fonte de informação, mas jamais o serão de sabedoria”. Isso acontece porque, conforme aponta Hoffman (1996, p. 25), “os computadores podem fazer muitas coisas, mas eles ainda não podem raciocinar”⁸. Dessa forma, o papel do professor é o de transformar as informações disponibilizadas pelo computador em conhecimento e sabedoria para os alunos.

⁷ Metáfora usada por alguns alunos do professor e pesquisador Dr. Júlio César Araújo (2006), conforme ele mesmo relata, para se referir à dimensão alcançada pela tecnologia digital da qual muitos têm receio.

⁸ Nossa tradução de: “Computers can do a lot of things, but as yet they cannot reason” (HOFFMAN, 1996, p. 25)

Se, por um lado, defendemos a importância do professor no processo de ensino e aprendizagem de uma LE, por outro, não queremos lhe inferir o papel central nesse cenário. Acreditamos que “[...] o professor precisa aprender a se tornar um ‘guia ao lado’ mais do que um ‘sábio no palanque’”⁹ (WARSCHAUER; WHITTAKER, 2002, p. 371). Ou seja, o professor deve ser entendido como o mediador entre o aluno e a aprendizagem de LE, aquele que facilita o processo de aprendizagem (VYGOTSKY, 1998), mostrando ao aprendiz os possíveis caminhos a percorrer e os meios que podem ser usados até alcançar o objetivo por este estabelecido.

De acordo com Leal (2006, p. 50), “o mediador, através de materiais e ferramentas, questiona e incentiva o aluno a fazer novas descobertas”. A relação unilateral do conhecimento, característica da abordagem behaviorista de ensino e aprendizagem de LE, segundo a qual o professor era o único detentor do saber e o transmitia ao aluno, repositório passivo, transforma-se agora numa relação multilateral dialógica, mediada pelo professor que busca mostrar ao aluno as várias ferramentas disponíveis para a aquisição do conhecimento, tentando motivá-lo a assumir o papel de principal responsável por sua própria aprendizagem.

A seguir, apresentamos algumas vantagens e desvantagens do uso do computador e da internet no processo de ensino e aprendizagem de LE.

1.4. Vantagens e desvantagens do uso do computador e da internet

Em sua essência, as TIC, com destaque para o computador e a internet, não são nem ameaça nem solução para o processo de ensino e aprendizagem de LE. São, na verdade, ferramentas com um potencial inestimável para o favorecimento desse processo. Segundo Corrêa (2002, p. 46), “o valor da tecnologia não está nela em si mesma, mas depende do uso que dela fazemos”. Isso significa que tais ferramentas possuem esse potencial, mas não têm vida própria, não podem conduzir a aprendizagem e nem dar conta de tantas variáveis que a influenciam, tais como estilos e ritmos diversos de aprendizagem, fatores emotivos, entre outros.

De acordo com Palloff e Pratt (2002) e Garcia (2004), o uso dessas tecnologias pode trazer alguns benefícios, tais como:

⁹ Nossa tradução de: “the teacher must learn to become a ‘guide on the side’ rather than a ‘sage on the stage’”. (WARSCHAUER; WHITTAKER, 2002, p. 371)

- motivar os alunos para aprender devido à quantidade de recursos audiovisuais e de hipertextos disponíveis, além de prover material e público autênticos para aprendizagem;
- desenvolver a autonomia e a disciplina do aprendiz ao estimular o gerenciamento da própria aprendizagem;
- desenvolver estratégias diversificadas de aprendizagem de LE;
- instigar a curiosidade a respeito da língua e da cultura de vários países cujas fronteiras foram remodeladas pela era digital;
- favorecer o desenvolvimento das relações interpessoais e intrapessoais.

Os autores também mencionam algumas desvantagens da utilização dessas tecnologias:

- muitas informações armazenadas no espaço virtual não são atualizadas e/ou pouco confiáveis;
- alguns alunos e professores, por não conhecerem e não dominarem essas ferramentas, rejeitam o seu uso e resistem em substituir as aulas tradicionais às quais estão acostumados;
- devido à diferença de estilos de aprendizagem, alguns alunos não conseguem se tornar independentes, autônomos, disciplinados e/ou colaboradores;
- por serem máquinas, os computadores podem ter o seu uso interrompido por razões diversas (eletricidade, problemas com *hardware*, *software* ou com a conexão à internet etc.);
- os alunos podem ficar ociosos por não saberem o que fazer nem como fazer.

Para Pennington (1986), Palloff e Pratt (2002) e Souza (2007), entre outros autores, é preciso que o professor tenha conhecimento técnico de como utilizar essas tecnologias, bem como saber o que pode ser feito com elas. Faz-se necessário, também, um planejamento das atividades a serem realizadas com o auxílio dessas tecnologias com base no tempo, na quantidade e na qualidade dos recursos disponíveis. Além disso, objetivos, procedimentos e avaliação precisam ser estabelecidos *a priori*.

Conforme vimos nos itens anteriores, “[...] o computador não é mais o instrumento que ensina o aprendiz, mas a ferramenta com a qual o aluno desenvolve algo, e, portanto, o aprendizado ocorre pelo fato de estar executando uma tarefa por intermédio do computador” (VALENTE, 1993, p. 8).¹⁰ E, para isso, é preciso que o professor saiba da “[...] possibilidade de se usar o computador como um *andaime*¹¹, capaz de auxiliar o aluno na apropriação do conhecimento” (LEFFA, 2006, p. 11), motivando-o e favorecendo-o a se tornar um aprendiz autônomo.

Após apresentar e discutir algumas vantagens e desvantagens possíveis que se pode ter com o uso de novas tecnologias, gostaríamos de destacar um dos recursos disponíveis na internet, dentre os vários existentes citados no item 2.1. Assim, apresentamos a seguir o contexto histórico do *blog* e algumas pesquisas realizadas acerca do seu uso na educação.

1.5. *Blog*

Para Inagaki (2005, p.1), o *blog* “é um *site* regularmente atualizado, cujos *posts* (entradas compostas por textos, fotos, ilustrações, *links*) são armazenados em ordem cronologicamente inversa, com as atualizações mais recentes no topo da página”. É, ainda, segundo Mantovani (2005, p.12), “um tipo de publicação *on-line* que tem origem no hábito de alguns pioneiros de logar (entrar, conectar ou gravar) à *web*, fazer anotações, transcrever, comentar os caminhos percorridos pelos espaços virtuais”. Assim sendo, entendemos o *blog* como um recurso tecnológico disponibilizado pela *internet* que possibilita não só o registro de textos escritos, mas também a inserção de imagem, som, vídeo e *links* diversos, organizados por uma cronologia invertida.

De acordo com Caiado (2007), ele é um gênero textual recente. Segundo nos relata a autora,

o termo *Weblog* foi batizado por Jorn Barger em dezembro de 1997, como resultado de um jargão derivado da união das palavras inglesas *web*, que significa rede (de computadores), e *log*, que significa registro, diário de navegação (de bordo). De acordo com Blood (2002), os primeiros *weblogs* eram *sites* com vários *links* da *web*.

¹⁰ O autor faz uma distinção entre instrumento e ferramenta. Para ele, o instrumento instrui e ensina, ao passo que a ferramenta serve apenas como um recurso para se alcançar a aprendizagem. No nosso trabalho, optamos por usar os dois termos intercambiavelmente.

¹¹ O termo *andaime*, *scaffolding* em inglês, foi proposto inicialmente por Wood, Bruner e Ross (1976) e se refere ao auxílio fornecido ao aprendiz para que este possa realizar determinada atividade e, assim, prosseguir com o desenvolvimento de sua aprendizagem.

Eram diários de navegação em que a informação mais recente aparecia antes (os *weblogs* lêem-se em regressão temporal). (2007, p. 36)

O vocábulo *weblog* reduziu-se, com o passar do tempo, a *blog*. Nos dias atuais, ele configura-se como um recurso capaz de oferecer aos internautas a possibilidade de registrar suas preferências, hábitos, experiências, inquietações, opiniões sobre política, religião, profissão, sexualidade, entre outros (CAIADO, 2007).

Apesar de muitas pessoas pensarem que o *blog* é a versão digital do conhecido diário de papel, é preciso perceber as diferenças existentes entre os dois gêneros. O diário de papel caracteriza-se por ser geralmente manuscrito e de acesso restrito, ou seja, geralmente só o próprio autor do diário tem acesso aos seus registros. As páginas pessoais, por outro lado, permitem o acesso de várias pessoas que podem ou não deixar algum comentário a respeito das postagens feitas, ou, ainda, sobre outro assunto, configurando-se assim, como um espaço para conversação. Além disso, por meio de *links*, uma rede de vários *blogs* vai se formando, permitindo que outros *blogs* sejam acessados.

Apesar de recente, o *blog* já é uma invenção bastante difundida. De com Richardson (2005), no ano de 1999, havia poucas pessoas que utilizavam esse recurso. Hoje, entretanto, existem mais de 70 milhões de *blogs*, e a cada segundo é criado um *blog* em alguma parte do mundo. Além disso, mais de 900 mil novas postagens são feitas por dia, e mais de dois milhões de páginas pessoais são atualizadas a cada semana. O autor defende a ideia de que “[...] os *blogs* estão aqui para ficar”¹² (2005, p. 1), ou seja, cada vez mais esse recurso tecnológico está sendo conhecido e utilizado por internautas que veem o *blog* como uma oportunidade para obter informações, bem como para expressarem suas opiniões sobre assuntos diversos e facilitar a comunicação.

1.5.1 Algumas pesquisas sobre o uso de *blog* na educação

No cenário educacional, o *blog* pode ser usado basicamente de duas maneiras: como recurso pedagógico ou como estratégia pedagógica. De acordo com Gomes e Lopes (2007), o *blog* é usado como recurso pedagógico quando assume o papel de depósito de informações, onde os professores, num papel ativo, disponibilizam *links*, materiais da aula, entre outros, para serem consultados pelos alunos cujo papel é basicamente o de receptivo. Quando o *blog*

¹² Nossa tradução de: “[...] that blogs are here to stay”. (RICHARDSON, 2005, p. 1)

é usado como estratégia pedagógica, os alunos passam de passivos para ativos, ou seja, de consumidores de informações eles se tornam produtores de conhecimento ao criarem suas próprias páginas pessoais, cujo formato e conteúdo ficam a seu critério de escolha. Neste caso, ao professor cabe a responsabilidade de ser o mediador da aprendizagem, instruindo o que deve ser feito, mostrando as diversas possibilidades existentes e auxiliando sempre que for solicitado (PALLOFF; PRATT, 2002).

As pesquisas sobre a utilização do *blog* no processo de ensino e aprendizagem são ainda em número bastante reduzido. O portal britânico *Schoolblogs.com* e o grupo americano *Education Bloggers Network* foram os primeiros a usar a blogosfera, assim chamado o ambiente de *blog*, no contexto educacional a partir de 2001 (LOPES et al., 2008).

A professora portuguesa Almeida d'Eça (2006) nos relata a incorporação da página pessoal como recurso pedagógico em suas aulas de inglês desde 2003. Segundo a autora, na primeira vez que ela propôs a utilização do *blog*, seu objetivo principal era o de motivar os seus alunos do 7º ano a usarem a língua inglesa num contexto de comunicação real, independente de nota. Todavia, não gerou o entusiasmo por ela esperado e a participação dos alunos foi muito tímida. No ano seguinte, ela propôs novamente o projeto, mas agora para duas turmas de 5º ano. Apesar de temer os resultados, já que seria o primeiro ano que esses alunos estudavam inglês, ela percebeu não só uma maior participação discente como também alunos mais entusiasmados. Nos anos seguintes a professora observou que o seu projeto do uso de *blog* para favorecer o processo de ensino e aprendizagem de LE foi ganhando espaço na escola, já que alunos de outras turmas visitavam os *blogs* e faziam comentários a respeito não só do *blog*, mas também sobre a vontade de serem alunos da professora Almeida d'Eça para desenvolverem o projeto por ela proposto, o qual já contava com a participação de outros países.

No Brasil, podemos citar Caiado (2007) que pesquisa a escrita no gênero *blog* e a sua influência na escrita escolar em língua portuguesa. De acordo com estudos realizados pela autora, os “desvios” na linguagem que apareceram nos *blogs*, tais como “linduu”, “hauhauhauhau”, “ow”, “bjks”, “agradexuu”, “coraxaum”, entre outros, não significam falta de conhecimento linguístico, mas sim escolhas dos próprios alunos que dizem se sentir mais à vontade no ambiente virtual e, por essa razão, utilizam uma linguagem mais livre. Assim, na escrita escolar, a qual requer uma maior atenção às regras da variedade normativa, “desvios” não aparecem com frequência e, quando ocorrem, geralmente não é por influência da internet,

mas, sim, “devido ao seu pouco conhecimento da natureza dos chamados ‘erros ortográficos’” (CAIADO, 2007, p. 46).

Recuero (2009) desenvolveu, recentemente, um estudo a respeito da CMC. Em sua pesquisa, ela analisou comentários adicionados em *blogs* e *fotologs* brasileiros como mecanismos de conversação. Os resultados apontam elementos estruturais das trocas dialógicas, pares conversacionais e marcadores conversacionais que auxiliam na dinamização dessas conversações. A comparação desses dois recursos permitiu observar que, nos *blogs*, há uma maior diversidade de turnos, sequências e pares conversacionais do que nos *fotologs*, sendo, portanto, uma ferramenta mais interativa.

No ensino e aprendizagem de LE, Motta-Roth, Reis e Cabral (2001) têm utilizado a construção da página pessoal como estratégia pedagógica ao sugerir-la como uma das atividades a serem desenvolvidas no curso semi-presencial *WebEnglish*,¹³ por elas proposto. Assim, ao se engajarem na tarefa de construir um *blog* e atualizá-lo a cada unidade estudada no curso, os alunos usaram “a linguagem para agir no mundo, para interagir com outras pessoas” (MOTTA-ROTH; REIS; MARSHALL, 2007, p. 131) em língua inglesa. Os resultados desse trabalho demonstram que os alunos envolvidos no projeto consideraram-no atrativo e positivo, pois ele oportunizou-lhes a participação em situações reais de comunicação em LE, além de permitir a construção não só de espaços próprios na internet, mas também de sua própria identidade. Além disso, eles mostraram-se satisfeitos por terem aprendido algumas noções importantes de navegação no ambiente virtual.

Em nossa pesquisa de mestrado (GONÇALVES, 2009), analisamos o uso de *blogs* como um dos recursos das TIC utilizado no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa por um grupo de alunos de Letras de uma universidade pública no estado de Goiás. Observamos que o trabalho com a blogosfera tem o potencial de favorecer as interações do tipo presencial e virtual entre os alunos e entre os alunos e o professor, durante as quais eles negociam significado, forma e conteúdo e oferecem *andaimes/scaffoldings* uns aos outros. Além disso, o *blog* pode também contribuir para o desenvolvimento da motivação e da autonomia dos alunos em relação ao processo de aprendizagem de LE, por se tratar de um

¹³ De acordo com Motta-Roth, Reis e Marshall (2007, p. 130), *WebEnglish* refere-se a um curso de inglês como língua estrangeira “mediado por computador, semi-presencial, elaborado com o objetivo de proporcionar aos alunos noções básicas das funções linguísticas utilizadas na Internet, a comunicação eletrônica, a navegação e a pesquisa na *www*” ministrado na Universidade Federal de Mato Grosso.

recurso recente da internet, capaz de oferecer materiais autênticos e públicos reais para uma comunicação significativa.

O surgimento do *blog* representa mais uma possibilidade para articularmos a linguagem oral com a linguagem escrita, uma vez que

essa relação produz sentido e fortalece as trocas dialógicas entre os sujeitos que navegam em situação de interlocução *on-line*, visto que é dada ao bloguista a alternativa de deixar o *blog* aberto aos comentários dos visitantes. (CAIADO, 2007, p. 37)

Tais comentários, escritos ou orais, configuram-se como um recurso dialógico propiciador de interação entre o blogueiro, assim chamado aquele que cria e mantém o *blog*, com quaisquer visitantes, conhecidos ou não. Tais “trocas dialógicas” entre esses sujeitos podem resultar em aprendizagem para ambos.

Ao propor uma atividade aos aprendizes de LE baseada na produção de *blogs* na língua alvo, o professor está oferecendo aos seus discentes a oportunidade de interagir sócio e culturalmente com públicos reais, motivando-os a usar, num contexto real, a língua que ora estão aprendendo (MORAES, 2003; TEELER; GRAY, 2000). Além disso, o *blog* poderá contribuir certamente nas aulas de leitura e escrita, favorecendo a aquisição de vocabulário e estruturas gramaticais, produção de textos, entre outros (PHINNEY, 1996).

O *blog* surge como ferramenta que oportuniza a percepção dos alunos da diversidade de culturas, crenças e de formas de expressão, amplia a sua visão de mundo e aumenta suas possibilidades de aprendizagem. Isso é possível devido ao aumento acelerado do uso da página pessoal por pessoas de países diferentes que encontram, nesse espaço, a oportunidade para relatar experiências vividas, refletir e expressar suas opiniões sobre assuntos diversos, bem como interagir com outros internautas. Assim, usá-lo como estratégia pedagógica na aprendizagem de LE significa possibilitar aos alunos aprender construindo. Para Guimarães e Dias (2002, p. 28),

[o] enfoque do aprender construindo inclui o do aprender fazendo. As etapas de planejamento, execução e reflexão sobre o que foi construído encontram-se embutidas no processo do aprender construindo. Ao contrário, porém, o planejamento e a reflexão podem não estar incluídos no processo do aprender fazendo, embora essas etapas sejam necessárias para uma aprendizagem verdadeiramente significativa.

A inserção de um *blog* no processo de ensino e aprendizagem de LE representa para o aluno a oportunidade de criar um conteúdo significativo, cuja audiência vai além do professor e dos colegas da turma. Para Richardson (2005), as inúmeras oportunidades de interação no espaço virtual permitem ao aprendiz negociar conhecimento e informação em contextos reais de comunicação, o que representa a possibilidade de prepará-lo para satisfatoriamente agir no mundo, virtual e/ou real. Segundo o autor, os *blogs* são uma das várias novas tecnologias que têm transformado o mundo. Além disso, eles têm criado uma *internet* mais rica, dinâmica e interativa.

Ganley (apud GALLOWAY, 2005, p. 1) afirma que “falar sobre *blogs* significa falar de uma aprendizagem centrada no aluno, espaços de conhecimento colaborativo”.¹⁴ Isso acontece porque os *blogs* oferecem aos aprendizes de LE não só a possibilidade de aprenderem com seus pares, mas também a de desenvolver um alto nível de autonomia, pois, ao criar uma página pessoal, eles precisam escolher ícones e *templates*,¹⁵ entre outros recursos, para compô-la, o que representa uma oportunidade para tomada de decisões (CAIADO, 2007).

Após apresentar e discutir o surgimento e a utilização das TIC, com destaque para o *blog*, no ensino e aprendizagem de LE, passamos agora para as últimas considerações.

2. Considerações finais

Em uma época em que os processos sociais, políticos, econômicos, tecnológicos e culturais são tão dinâmicos, globalizados e complexos, o professor de línguas, principalmente o de inglês, tem um papel fundamental na educação linguística (MOITA LOPES, 2003). Isto acontece, porque as mudanças oriundas de tais processos geralmente são construídas e circulam em primeira instância em inglês. É por meio dessa educação que o professor poderá contribuir para que seus alunos se situem, entendam tal dinamismo e complexidade de uma sociedade que exclui e seleciona e possam agir consciente e politicamente com o intuito de melhorá-la.

Conforme afirma Cardoso (2004, p. 132),

¹⁴ Minha tradução de: “To talk about blogs means to talk about student-centered learning, collaborative knowledge spaces”. Ganley (apud GALLOWAY, 2005, p. 1)

¹⁵ *Templates* são os modelos existentes de *blogs*, cujos elementos básicos referem-se à cor e/ou desenho de fundo da tela e a disposição dos elementos constituintes da página pessoal.

[a]o usar a Internet, aprendizes de inglês sentem-se mais motivados para aprender língua, não apenas porque eles podem encontrar contexto real para comunicação autêntica e interação inter-cultural com falantes nativos ou outros aprendizes de inglês de outras partes do mundo, mas também porque eles podem encontrar muitas vantagens extremamente importantes para seu processo de aprender língua, incluindo aprendizagem de língua centrada no aluno, comunicação mais relaxada, input adicional, materiais autênticos e promover compreensão cultural.¹⁶

Assim sendo, saber inglês e informática nesta nova ordem mundial é, segundo Moita Lopes (2003), a possibilidade de o ser humano se incluir nos discursos dominantes e de rápida circulação no mundo contemporâneo. Ensinar a desconstruir certos discursos e construir outros que sejam inclusivos devem ser, portanto, o objetivo central do ensino de língua inglesa, uma vez que é por meio do discurso que se pode entender o mundo e transformá-lo (FAIRCLOUGH, 2006).

O computador aliado à internet tem se revelado um importante recurso didático. Não obstante, novas ferramentas da internet têm sido criadas e, surgem daí, diversas possibilidades de integrá-las à sala de aula de LE (Paiva, 2008). O *blog*, apesar de sua criação recente, tem conquistado um público cada vez maior, conforme discutido neste estudo, e já começa a ser utilizado no contexto educacional como ferramenta didático-pedagógica para proporcionar maiores possibilidades de desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

Assim, retomando a primeira pergunta de pesquisa - de que maneira os *blogs* podem ser usados nas aulas de língua inglesa? -, observamos que os *blogs*, um dos recentes inventos tecnológicos, podem ser usados tanto como *recurso pedagógico*, quando servem como espaço para que o professor deposite informações que poderão ser consultadas pelos alunos posteriormente, quanto como *estratégia pedagógica*, quando os alunos se tornam produtores de conhecimento e participam do processo de criação e desenvolvimento de *blogs* e ao professor é conferido o papel de mediador da aprendizagem (GOMES; LOPES, 2007).

O *blog*, usado como recurso pedagógico ou estratégia pedagógica, poderá contribuir no contexto educacional, por se tratar de uma invenção que possibilita a ampliação de oportunidades de ensino e aprendizagem (CAIADO, 2007). Assim, respondendo a segunda pergunta de pesquisa, - quais as possíveis contribuições de sua utilização para o processo de

¹⁶ Nossa tradução de: "By using the Internet, English learners fell more motivated toward language learning, not only because they can find a real context for authentic communication and cross-cultural interaction with native speakers or other English learners from all parts of the world, but also because they can find several advantages which are extremely important for their language learning process, including student-centered language learning, more relaxed communication, additional input, authentic material, and enhanced cultural understanding." (CARDOSO, 2004, p. 132)

ensino e aprendizagem desta língua? – compreendemos que o *blog* tem o potencial de *motivar* os alunos, por se tratar de um recurso/ambiente recente da internet, e também de lhes *proporcionar autonomia*, dada a variedade de recursos que disponibiliza, tais como compartilhamento de imagens, sons, vídeos e textos, além de favorecer a interação assíncrona do aprendiz com públicos reais (MORAES, 2003). A blogosfera tem também o potencial de auxiliar no desenvolvimento das habilidades linguísticas ao oferecer ambiente e materiais autênticos que favorecem a aquisição de vocabulário, estruturas gramaticais, produção e compreensão de textos, oportunidades de interação, entre outros (PHINNEY, 1996).

Por essas razões, acreditamos que tanto os docentes quanto os discentes não devem ser tecnofóbicos nem tecnofílicos. Eles precisam ver as TIC não como barreiras que lhes distanciam dos alunos ou como soluções capazes de resolver os problemas educacionais, mas, sim, buscar compreendê-las e entender como podem servir de instrumentos que lhes proporcionam maior proximidade e trazer para o ambiente educacional praticidade, inovação e possibilidade de inserção em outros contextos que não só os da sala de aula. Portanto, as TIC, com ênfase para o computador, a internet e o *blog*, não são uma caixa de Pandora. São, quando corretamente utilizados, ferramentas riquíssimas capazes de instigar uma maior motivação e autonomia para a aprendizagem de outras línguas.

Acreditamos, portanto, ser o *blog* uma “ponte” virtual que permite o blogueiro transportar-se para o outro lado, para outros lugares e culturas, e que também permite a “visita” de outros internautas. É, assim, uma ponte que permite o diálogo entre seres tão distantes, tão próximos, tão diferentes, tão parecidos.

As discussões apresentadas neste trabalho são apontamentos ainda iniciais e que não pretendem, portanto, esgotar o tema. Esperamos, com este estudo, poder contribuir para a pesquisa na área de ensino e aprendizagem de línguas ao propor uma discussão e reflexão acerca da temática e instigar novas pesquisas sobre este campo ainda pouco explorado.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, J. C. Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios. In: ARAÚJO, J. C. (Org.). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 15-18.

BARROS, S.; CAVALCANTE, P. S. Os recursos computacionais e suas possibilidades de aplicação no ensino segundo as abordagens de ensino-aprendizagem. In: NEVES, A. M. M. das; CUNHA FILHO, P. C. (Org.). *Projeto Virtus: educação e interdisciplinaridade no*

ciberespaço. Recife: Editora Universitária da UFPE; São Paulo: Editora da Universidade Anhembi Morumbi, 2000. p. 21-32.

CAIADO, R. V. R. A ortografia no gênero weblog: entre a escrita digital e a escrita escolar. In: ARAÚJO, J. C. (Org.). *Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 35-47.

CARDOSO, K. P. D. The internet as a motivational tool in the english language learning process. In: LIMA, D. C. de (Org.). *Foreign-language learning and teaching: from theory to practice*. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2004. p. 113-135.

CORRÊA, J. Novas tecnologias da informação e da comunicação; novas estratégias de ensino/aprendizagem. In: COSCARELLI, C. V. (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 43-50.

CRYSTAL, D. *Language and the Internet*. Cambridge: University Press, 2001.

_____. , D. *A revolução da linguagem*. Tradução de Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FAIRCLOUGH, N. *Language and globalization*. New York: Routledge, 2006, p. 14-26.

GALLOWAY, I. *Blogging in TESL*. TESOL, 2005. Disponível em: <http://www.sfu.ca/~igallowa/blogging/>. Acesso em: 09 maio 2009.

GARCIA, M. H. Internet en la enseñanza de español. In: LOBATO, J. S.; GARGALHO, I. S. (Org.). *Vademécum para la formación de profesores: enseñar español como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE)*. Madrid: SGEL, 2004. p. 1061-1079.

GOMES, M. J.; LOPES, A. M. *Blogues escolares: quando, como e por quê?* Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6487/1/gomes2007>. Acesso em: 25 nov. 2007.

GONÇALVES, C. *Fonógrafos e gramofones em Portugal*. Centro de estudos de história contemporânea portuguesa - ISCTE , 2008. Disponível em: <http://www.historiaenergia.com/por2/conteudosDetalheSons.asp?idConteudo=317>. Acesso em: 04 jun. 2008.

HOFFMAN, S. Computers and Instructional Design in Foreign Language/ESL Instruction. *TESOL Journal*, v. 5, n. 2, p. 24-29, 1995/1996.

CARIGLIO, M. I. Computador – uma caixa de Pandora? In: SILVA, R. C. da; COURA SOBRINHO, J. (Org.). *Anais do 3º Congresso da associação de professores de língua inglesa do estado de Minas Gerais & 3º Encontro de professores de linguas estrangeiras do CEFET-MG*. Belo Horizonte: APLIEMGE, 2001. p. 111-121.

GONÇALVES, R. M. *Você já blogou hoje?* Um estudo de caso sobre o uso de blogs na aula de língua inglesa. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

INAGAKI, Al. *Blog, logo existo.* Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=1644>. Acesso em: 19 maio 2008.

LEAL, V. P. L. V. O chat quando não é chato: o papel da mediação pedagógica em chats educacionais. In: ARAÚJO, J. C. (Org.). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 48-63.

LEFFA, V. J. Aprendizagem de línguas mediada por computador. In: LEFFA, V. J. (Org.). *Pesquisa em linguística aplicada: temas e métodos*. Pelotas: EDUCAT, 2006. p. 11-36.

LOPES, A. et al. *A História do blog.* 2008. Disponível em: <http://blogsnaeducacao.wordpress.com/2008/01/13/a-historia-do-blog/>. Acesso em: 29 maio 2009.

MANTOVANI, A. M. *Weblogs na educação: construindo novos espaços de autoria na prática pedagógica*. Disponível em: <<http://www.tise.cl/archivos/tise2005/02.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2007.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-67.

MOITA LOPES, L. P. A nova ordem mundial, os parâmetros curriculares nacionais e o ensino de inglês no Brasil: a base intelectual para uma ação política. In: BARBARA, L.; RAMOS, R. C. G. (Org.). *Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003. p. 29-57.

MORAES, A. T. de. *Motivação e desempenho comunicativo em tarefas escritas em língua inglesa mediadas por computador*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

MORAES, A.; LUZ, G. de A. O ensino mediado por computador. In: FIGUEIREDO, F. J. Q. de. (Org.). *Anais do IV Seminário de línguas estrangeiras*. Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 2002. p. 178-186.

MOTTA-ROTH, D.; CABRAL, R. E.; REIS, S. C. dos. *WebEnglish*. LabLeR, Santa Maria: UFSM, 2001. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/labler/weenglish/>. Acesso em: 11 jan. 2005.

MOTTA-ROTH, D.; REIS, S. C. dos; MARSHALL, D. O gênero página pessoal e o ensino de produção textual em inglês. In: ARAÚJO, J. C. (Org.). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 126-143.

PAIVA, V. L. M. O. de. *O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica*. 2008. Disponível em: <http://www.veramenezes.com> Acesso em: 13 maio 2009.

PALLOFF, R. M.; PRATT, K. (trad. Vinícius Figueira). *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PENNINGTON, M. C. The power of the computer in language education. In: PENNINGTON, M. C. (Org). *The power of call*. Hong Kong: Athelstan, 1996. p. 1-14.

PHINNEY, M. Exploring the Virtual World: Computers in Second Language Writing Classroom. In: PENNINGTON, M. C. (Ed.). *The power of call*. Hong Kong: Athelstan, 1996. p. 137-152.

RECUERO, R. Adicionar um comentário: mecanismos de conversação em Weblogs e Fotologs brasileiros. *RBLA*, Belo Horizonte, n. 1, v. 9, p. 151-175, 2009.

RICHARDSON, W. *Blog Revolution: Expanding classroom horizons with weblogs*. *techlearning*, 2005. Disponível em: <http://www.techlearning.com/article/4750>. Acesso em: 09 maio 2009.

RODRIGUES, A. Por uma filosofia tecnológica In: GRINSPUN, M. P. S. (Org.). *Educação Tecnológica: Desafios e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1999. p. 75-129.

SOUZA, R. A. de. Aprendizagem de línguas em “Tandem”: telecolaboração bilíngue e comunicação intercultural. *Anais Hipertexto 2005*. Outubro 2005. Disponível em: <http://www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Ricardo%20Augusto%20de%20Souza.htm>. Acesso em: 7 out. 2006.

_____. Telecolaboração na aprendizagem de línguas estrangeiras: um estudo sobre o regime de *tandem*. In: FIGUEIREDO, F. J. Q. de. (Org.). *A aprendizagem colaborativa de línguas*. Goiânia: Ed. da UFG, 2006. p. 255-276.

_____. Aprendizagem em regime de tandem: uma alternativa no ensino de línguas estrangeiras online. In: ARAÚJO, J. C. (Org.). *Internet & Ensino: Novos Gêneros, Outros Desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 205-220.

TEELER, D.; GRAY, P. *How to Use the Internet in ELT*. London: Longman, 2000.

VITER, L. N. *A diferença entre internet e World Wide Web*, 2005. Disponível em: http://www.jornalexpress.com.br/noticias/detalhes.php?id_jornal=14567&id_noticia=14. Acesso em: 20 jul 2009.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

WARSCHAUER, M.; HEALEY, D. Computers and language learning: an overview. *Language Teaching*, v. 31, p. 57-71, 1998.

WARSHAUER, M.; WHITTAKER, P. F. Internet for english teaching: guidelines for teachers. In: RICHARDS, J. C.; RENANDYA, W. A. (Ed.). *Methodology in language teaching: an anthology of current practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 368-373.

VALENTE, J. A. Diferentes usos do computador na educação. *Em Aberto*, Brasília, ano 12, n. 57, p. 3-16, jan./mar. 1993.

VESENTINI, J. W. *Sociedade e espaço: geografia geral e do Brasil*. São Paulo, Ática, 1996.